

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

MATIZES NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA



Atena
Editora
Ano 2019

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

Matizes na Literatura Contemporânea

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Lorena Prestes
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
M433	Matizes na literatura contemporânea [recurso eletrônico] / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-635-5 DOI 10.22533/at.ed.355192709 1. Literatura – História e crítica. I. Sousa Ivan Vale de. CDD 809
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A necessidade de ensinar literatura na escola e tomá-la como objeto de ensino no contexto da sala de aula encontra mais espaço quando as propostas de aprendizagem são diversificadas, considerando os diferentes níveis de conhecimentos e os interesses dos estudantes nas finalidades de analisar e investigar o texto literário.

Muitas são as finalidades de ensino da literatura na escola e a identidade deste livro reafirma que as matrizes da literatura na contemporaneidade encontram-se no espaço de efetivação da sala de aula as razões que amplie o processo de formação literária e humanista dos sujeitos. Com o acesso à literatura todos saem ganhando: aprende quem ensina e ensina quem aprende, por isso os dez capítulos que dão formatos a esta obra têm a finalidade de fazer pensar, de demonstrar que na constituição dos múltiplos textos literários há muitas políticas de resistência e de transformação das concepções de mundo dos sujeitos.

No primeiro capítulo a Amazônia brasileira é analisada a partir do texto de natureza literária *Cinzas do Norte*, de Milton Hatoum, porque a narrativa põe em pauta questões contundentes para o debate como os processos migratórios. No segundo capítulo as representações femininas nos romances alencarianos são analisadas a partir de um olhar sob a ótica da classe patriarcal romântica brasileira nas obras *Lucíola* e *Senhora*.

No terceiro capítulo as narrativas orais são discutidas com a finalidade de destacar que elas têm muito a nos ensinar, bastante a dizer, além disso, o autor problematiza a necessidade de documentá-las, apresentando duas narrativas da cidade Parauapebas, sudeste do Pará. No quarto capítulo os efeitos da narrativa fantástica têm espaço de discussão e análise a partir do estudo realizado em que o leitor é convidado a inserir-se no processo de interpretação.

No quinto capítulo o autor apresenta ao leitor algumas notas sobre a literatura de Andy Warhol. No sexto capítulo pontuam-se certas constantes do imaginário religioso, sua relevância em cada narrativa e também na instauração do questionamento sobre a verdade oculta que rege o universo, na busca do “aprender a viver”, acentuada preocupação do autor mineiro.

No sétimo capítulo discute-se uma obra literária sob a perspectiva da teoria dos direitos humanos que tem se ocupado em debater o fenômeno da imigração e, mais recentemente, a crise dos refugiados pelo mundo. No oitavo capítulo analisa-se o romance norte-americano *Once in a Promised Land* como uma crítica à propagação de estereótipos negativos em relação a árabes e muçulmanos, principalmente, imigrantes dos Estados Unidos no contexto pós Onze de Setembro.

No nono capítulo tecem-se algumas considerações a respeito da importância da crítica textual e da divulgação de obras de autores como Machado de Assis e Eça de Queirós como atos de resistência aos ataques conservadores e fascistas que o campo progressista combate também na atualidade. Por fim, no décimo e último

capítulo o autor propõe uma análise com focalização na resistência do negro contra o poder do senhorio ainda vigente, mesmo após a abolição da escravatura.

Entender as diferentes matrizes da literatura na contemporaneidade pressupõe aceitar o convite de análise de todos os dez capítulos que dão sentidos e formas a esta obra. Assim sendo, resta-nos desejar aos diversos leitores, interlocutores desta obra, que tenham ótimas reflexões.

Ivan Vale de Sousa
O Organizador.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A AMAZÔNIA BRASILEIRA RETRATADA FORA DO BINARISMO PARAÍSO/INFERNO VERDE EM CINZAS DO NORTE DE MILTON HATOUM	
Ivanete da Silva Alves	
DOI 10.22533/at.ed.3551927091	
CAPÍTULO 2	12
AS REPRESENTAÇÕES FEMININAS NOS ROMANCES ALENCARIANOS: UM OLHAR SOB A ÓTICA DA CLASSE PATRIARCAL ROMÂNTICA BRASILEIRA EM <i>LUCÍOLA E SENHORA</i>	
André Luiz Lunardelli Coiado	
DOI 10.22533/at.ed.3551927092	
CAPÍTULO 3	24
O QUE SE APRENDE QUANDO SE ENSINAM NARRATIVAS ORAIS NA ESCOLA?	
Ivan Vale de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.3551927093	
CAPÍTULO 4	34
EFEITOS DA NARRATIVA FANTÁSTICA: INQUIETANTE, ESTRANHO E METAEMPÍRICO	
Lilian Lima Maciel	
DOI 10.22533/at.ed.3551927094	
CAPÍTULO 5	41
NOTAS SOBRE A LITERATURA DE ANDY WARHOL	
Tiago Leite Costa	
DOI 10.22533/at.ed.3551927095	
CAPÍTULO 6	48
O IMAGINÁRIO RELIGIOSO NO UNIVERSO ROSIANO: O DIVINO NAS COISAS TERRENAS	
Edna Tarabori Calobrezi	
DOI 10.22533/at.ed.3551927096	
CAPÍTULO 7	60
O PÚBLICO E O PRIVADO: O LUGAR DO (A) IMIGRANTE NA SOCIEDADE CANADENSE ATRAVÉS DE UM ROMANCE	
Tacel Ramberto Coutinho Leal	
DOI 10.22533/at.ed.3551927097	
CAPÍTULO 8	68
LITERATURA E RESISTÊNCIA: LAILA HALABY PUBLICA <i>ONCE IN A PROMISED LAND</i>	
Loiva Salete Vogt	
DOI 10.22533/at.ed.3551927098	
CAPÍTULO 9	80
PELO RESGATE DE UMA LITERATURA DE RESISTÊNCIA E DE COMBATE: PREPARAÇÃO DE EDIÇÕES CRÍTICAS DE OBRAS DE MACHADO DE ASSIS E DE EÇA DE QUEIRÓS	
Ceila Maria Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.3551927099	

CAPÍTULO 10	88
“CACHAÇA”: O CONSOLO DE UMA LUTA POR INSERÇÃO SOCIAL Edvaldo Santos Pereira DOI 10.22533/at.ed.35519270910	
SOBRE O ORGANIZADOR	95
ÍNDICE REMISSIVO	96

LITERATURA E RESISTÊNCIA: LAILA HALABY PUBLICA *ONCE IN A PROMISED LAND*

Loiva Salete Vogt

Universidade Federal do Rio Grande
do Sul- Porto Alegre- RS

Instituto Federal do Rio Grande do Sul- Feliz- RS
(Fomento interno)

E-mail: loiva.vogt@feliz.ifrs.edu.br

Licenciada em Português, Inglês e Literatura
pela Universidade Federal do Rio Grande do
Sul, mestre em Literaturas de Língua Inglesa e
doutoranda de Literatura Comparada na mesma
universidade, docente do Instituto Federal de
Educação, Ciência e Tecnologia- Campus Feliz
(Fomento Interno) loiva.vogt@feliz.ifrs.edu.br

RESUMO: O objetivo do trabalho é analisar o romance norte-americano *Once in a Promised Land* como uma crítica à propagação de estereótipos negativos em relação a árabes e muçulmanos, principalmente imigrantes dos Estados Unidos no contexto pós Onze de Setembro. A partir da noção de heterotopia de Michel de Foucault (1984), o artigo problematiza o apagamento da projeção identitária híbrida do árabe-americano denunciada na obra literária.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura; Árabes; Estados Unidos

LITERATURE AND RESISTANCE: LAILA
HALABY PUBLISHES *ONCE IN A PROMISED
LAND*

ABSTRACT: The purpose of this paper is to analyze the American novel *Once in the Promised Land* as a critique of the propagation of negative stereotypes towards Arabs and Muslims, mainly immigrants from the United States in the post-September Eleventh context. Based on the notion of heterotopia developed by Michel de Foucault (1984), the article problematizes the erasure of the hybrid American identity projection denounced in the literary work.

KEYWORDS: Literature; Arabs; United States of America

1 | INTRODUÇÃO

A identidade cultural de um indivíduo está normalmente associada a uma ideia de nacionalidade. No entanto, são estratégias discursivas que moldam esse pertencimento identitário. Nesse contexto, a literatura produzida por grupos chamados de minoritários nos Estados Unidos instiga a pesquisa sobre seus posicionamentos frente a uma nação que recebe-os como imigrantes e que impõe suas normas de pertencimento nacional marcadas

por projeções discursivas.

A data conhecida também em nosso contexto brasileiro como o Onze de Setembro dos Estados Unidos remete ao dia em que foram derrubadas as Torres Gêmeas do *World Trade Center* em Nova Iorque. A partir dessa data, pessoas com traços árabes e muçulmanos, provenientes de determinados países do Oriente Médio, passaram a ser vistos como potenciais inimigos da nação americana. Nesse sentido, o presente artigo tem por objetivo apresentar a obra *Once in a Promised Land* (2007)¹ como uma literatura de resistência cultural publicada em meio a um contexto em que muçulmanos passaram a ter visibilidade negativa, como sendo os “outros”, os inimigos dos americanos. A questão palestina, a Islamofobia e a dificuldade de assimilação cultural da experiência do imigrante também serão destacadas na segunda parte do artigo.

2 | ONCE IN A PROMISED LAND: UM OLHAR ORIENTAL SOBRE O PRECONCEITO NO CONTEXTO AMERICANO

O romance foi publicado em língua inglesa em Massachusetts/ USA por Laila Halaby, uma escritora de origem muçulmana, cuja família era descendente de palestinos. Após viverem na Jordânia e no Líbano, imigraram para os Estados Unidos, país em que a escritora completou sua graduação em Italiano e Árabe e o mestrado em Literatura Árabe e Aconselhamento. Até a presente data, a autora publicou livros de poemas, histórias infantis e dois romances. *West of the Jordan* (2003) foi vencedor do prêmio *Pen/ Beyond Margins* no mesmo ano de sua publicação. Em 2007, Halaby publicou seu segundo romance: *Once in a Promised Land*, referindo-se ao mito dos Estados Unidos como a bíblica terra prometida para povos em êxodo.

O termo “once” é o tradicional início de contos de fadas, traduzido como: “Era uma vez”, o que entatiza o caráter fictício do mito em relação ao território americano. O romance vencedor do prêmio *Barnes and Noble* (2007) será analisado como uma narrativa de resistência ideológico-cultural em meio a um contexto social conduzido pela mídia corporativa que propaga um projeto de difamação em relação a povos árabes provenientes do Oriente Médio.

No contexto de publicação da obra nos Estados Unidos, uma onda de desconfiança varria o país, buscando fenótipos do Oriente Médio, discriminando-os duplamente: por supostos pertencimentos étnicos e também de gênero. Apenas o homem árabe e/ou muçulmano representava perigo. A mulher era estigmatizada como a vítima de uma sociedade patriarcal e opressora, cujo desejo de ser salva pelo ocidente estava supostamente marcado em seus olhos, única parte do corpo que

¹ Tradução: “Era uma vez na terra prometida” (2007).

podia ser vista pelo ocidental. E o imaginário em torno dessa mulher que necessita de salvação teve todo o apoio da mídia e de projetos intervencionistas.

A mídia passou a focar no movimento antiárabes e muçulmanos e a indústria do entretenimento explorou ainda mais a imagem do muçulmano como terrorista e discursivamente apoiou a suspensão de seus direitos. Era suspeito até que provasse o contrário. Com essa prática, vários homens foram julgados pelos atos supostamente cometidos por extremistas da Arábia Saudita, afiliados ao movimento da *Al Qaeda*. Foi projetada a ideia de insegurança nacional associada a árabes, muçulmanos, seus descendentes e simpatizantes.

Além disso, é preciso destacar que, décadas antes da fatídica ocorrência do Onze de Setembro, a mídia americana já investia fortemente na imagem do muçulmano como inimigo, propagando um sentimento que culminou com a Islamofobia. Nos filmes hollywoodianos, aos poucos, a imagem do nativo americano como inimigo do mocinho ariano passava a ser substituída pelo desconhecido e “bárbaro” homem do Oriente Médio.

Once in a Promised Land (2007) apresenta um casal de origem jordaniana: Salwa e Jassim Haddad, destacando que não tinham nenhuma relação com os acontecimentos do Onze de Setembro. Logo a seguir, há a constatação paradoxal de que seus destinos estavam, sim, marcados pelos acontecimentos envolvendo o *World Trade Center*, ou seja, apesar de não serem responsáveis pela tragédia viriam a ser responsabilizados devido ao seu pertencimento étnico-cultural: “Salwa and Jassim are both Arabs. Both Muslims. But of course they have nothing to do with what happened to the World Trade Center. Nothing and everything” (HALABY, 2007, p. VII)².

Centrado na denúncia da propagação de estereótipos negativos em relação a árabes e muçulmanos, o romance destaca-se como uma narrativa em que o outro lado dos fatos é apresentado: árabes são protagonistas e defendem suas percepções a respeito da vida na América. O foco narrativo inicia com Salwa: conta como seus pais haviam imigrado para os Estados Unidos na tentativa de conseguirem uma vida melhor. A própria protagonista nascera em solo americano. Devido a dificuldades financeiras, necessitaram voltar para a Jordânia, mas projetaram o sonho do retorno aos Estados Unidos. Apesar de seu envolvimento com o amigo palestino Hassan, Salwa conhece o hidrologista jordaniano Jassim no dia em que ele apresenta uma palestra em sua Universidade na Jordânia sobre a importância da preservação da água.

Jassim Haddad estudara na América e pretendia voltar para trabalhar no Arizona. O protagonista abandonara o sonho de buscar alternativas para potencializar o uso da água potável na Jordânia em prol da ilusão de viver o sonho americano,

² Tradução: “Salwa e Jassim são ambos árabes. Ambos muçulmanos. Mas é claro que eles não têm nada com o que aconteceu com o World Trade Center. Nada e tudo” (HALABY, 2007, p. VII).

tornando-se o principal responsável pela distribuição de água potável em Tucson, no Arizona (USA). Jassim, agora casado com Salwa, retorna para viver na América. Salwa consegue um emprego como bancária e também como agente imobiliária, o que contraria a crença de que mulheres de origem muçulmana permanecem em casa e são subjugadas aos seus maridos.

Com hábitos americanizados, a identidade cultural do casal é híbrida, fato que passa a ser visto após o Onze de Setembro, no texto, como uma aporia. Estão subjugados a uma caracterização racial, sofrem a violência e o preconceito por ocuparem uma posição social privilegiada na sociedade americana que não os torna imunes a críticas preconceituosas, que inclusive potencializa seus medos frente a possíveis ameaças xenofóbicas. São árabe-americanos de classe média alta com valores híbridos e que atendem ao apelo consumista da sociedade americana. No entanto, são excluídos de qualquer possibilidade de “sonho americano” no decorrer da narrativa.

A obra é interpretada como uma literatura dissidente que denuncia um “acordo social” de exclusão e invisibilidade em relação à experiência peculiar do imigrante muçulmano árabe-americano culturalmente híbrido que busca viver na sociedade americana no período pós Onze de Setembro. O casal protagonista sofre as consequências do preconceito e da intolerância étnica explícitos com a implantação da política de segurança nacional. A obra denuncia que o sujeito árabe-americano passara a ocupar um lugar heterotópico, conceito desenvolvido por Michel Foucault (1984). A palavra heterotopia é formada pelo prefixo *heteros* que em grego significa “o diferente” e está associado a *alter* “o outro”. *Topia* significa lugar. Nesse sentido, heterotopia remete ao “lugar do outro”. O conceito reflete uma alternativa para a “razão” ocidental que busca através da imposição discursiva controlar o que vem a ser “o outro” e valorizar o que denomina de universal e que é marcado por exclusões e apagamentos.

Jassim percebe a heterotopia de sua identidade após o Onze de Setembro. Sua primeira reação ao evento foi como a de vários americanos: estava incrédulo a respeito da veracidade dos fatos apresentados pela mídia. Foi sua esposa que no primeiro momento fez com que percebesse as prováveis consequências do atentado em relação à sua etnia e gênero. Ao refletir sobre a possível reação popular na América, Salwa diz: “People are stupid. Stupid and macho” (HALABY, 2007, p. 21)³. Há uma referência ao patriarcalismo e ao medo de associação com o “outro”, o árabe, o muçulmano, o inimigo, o destruidor. Salwa menciona o caráter irracional do racismo que leva a atitudes estúpidas, em que o povo desconta a raiva em alguém, não importando realmente se os verdadeiros responsáveis serão punidos. A protagonista prevê a perseguição e discriminação que irão sofrer, tanto em relação à questão patriarcal: o orgulho masculino americano ferido, bem como em relação à

3 Tradução: “As pessoas são estúpidas. Estúpidas e machistas” (HALABY, 2007, p.21).

questão étnica. A imagem da masculinidade árabe- muçulmana será patologicamente representada no imaginário popular com a figura do mostro, do terrorista. Essa ideia perturba a imagem prévia que Salwa tinha do marido, de seu reconhecimento social como homem respeitado e bem sucedido profissionalmente.

Jassim, embora seja culturalmente muçulmano, é ateu. Sente o preconceito social de modo explícito pela primeira vez após o atentado quando está em um clube, na piscina, ao se deparar com Jack Franks, o indivíduo americano que posteriormente chama o FBI para investigá-lo. A seguir, é discriminado em frente a uma loja de departamentos em um shopping por passar algum tempo olhando as vitrines. Passa a ser visto como suspeito por seus colegas de trabalho. Percebe que existe como híbrido, porém ocupa agora um espaço heterotópico em que sua identidade supostamente estável de árabe-americano bem sucedido é questionada após ser explicitamente marcada por estereótipos de gênero e etnia.

Por outro lado, Salwa sente-se negligenciada pelo marido, com quem é incapaz de se comunicar adequadamente. Tanto a sua autoimagem de esposa e profissional bem sucedida quanto a dele estão quebradas. Tenta primeiramente preencher o vazio da impossibilidade de encontrar a “terra prometida”, o lugar de paz e acolhimento através de uma possível gravidez, ou seja, tenta ser esse lugar para alguém. No entanto, mantém a gravidez em segredo, pois Jassim alertara que ainda não queria ter filhos. A gravidez torna-se a mentira, pois Salwa escondera-a do marido e também o fato de que havia parado de tomar anticoncepcionais com a intenção de engravidar. No entanto, ocorre um aborto espontâneo. Salwa acaba contando para o marido. Reconhece que o suposto papel da mulher de reprodutora em uma sociedade patriarcal é uma falsa ideia de satisfação e preenchimento.

Jassim também criara mentiras a partir de omissões. Quando passou a tomar conhecimento do aborto de sua esposa, tentara confortá-la, embora não conseguisse sentir absolutamente nada: “It was nothing that he felt. That would come, when he had time to think about it more, but for now he would hold his wife, as that seemed the right thing to do”(HALABY, 2007, p. 104)⁴. Perdera a capacidade de sentir para proteger-se da dor. Estava passando por um processo dissociativo, em que a mente apenas observa, os sentimentos ficam como que enclausurados em outro lugar da psique. Está traumatizado. Passa a ter ataques de pânico e acidentalmente atropela um adolescente americano que praticamente jogara-se na frente de seu carro em um ato suicida. Sente-se culpado, torna-se cada vez mais suspeito aos olhos do FBI que já o investigava pela simples desconfiança gerada pelo seu fenótipo em membros da sociedade americana.

As imagens da queda das Torres são substituídas no imaginário de Jassim por imagens de sua infância. O choque com a realidade faz com que encontre-se

4 Tradução: “Ele não sentia nada. Isso viria quando ele tivesse tempo para pensar mais sobre isso, mas por enquanto ele apoiaria sua esposa, pois isso parecia ser a coisa certa a fazer” (HALABY, 2007, p. 104).

novamente como o menino que foi um dia, um menino árabe. Sente-se em luto e em crise identitária: sua autoimagem deixa de ser “americana” (seu sonho ideal) e volta a ser árabe, inclusive começa a ter dificuldades para expressar-se em inglês. Seu filho não nascerá, o adolescente americano que atropelara morre. Jassim está em conflito, é impossível ser apenas árabe, pois não reconhece sua existência vinculada a uma única etnia.

Afasta-se dessa ideia e encontra a garçonne americana Penny. Sente o luto americano pelo ocorrido nos atentados contra as Torres, identifica-se com a América. Sente atração e desejo pela mulher americana que se apresenta para auxiliá-lo e que o vê ainda como um homem de alta classe, assim como Salwa vira-o no passado. Sua masculinidade ferida se recompõe com Penny. Precisa do reconhecimento da mulher para sentir-se novamente um homem. Deseja a imagem de si mesmo que vê nos olhos da mulher americana. Ela o vê como um homem de valor, independente de sua etnia. Nesse contexto, ele passa a lembrar de seu passado, na tentativa de recompor sua identidade, entender sua história e reconstruir-se, assimilando suas perdas.

Enquanto isso, Salwa também sofre as consequências do discurso orientalista disseminado pela administração de Bush e pela mídia corporativa. É seduzida por seu colega de trabalho Jake, filho de diplomatas, que é também um negociante de drogas. Pensa nela como uma objeto exótico, imagina que precisa ser sexualmente libertada, o típico estereótipo para a mulher oriental. Jake estuda a língua árabe que considera ser a língua do ópio para conquistar Salwa, por quem sente forte atração física. O Afeganistão é o país conhecido como produtor de ópio, o que não tem nenhuma relação com a Jordânia, nem com a Palestina que fazem parte do passado de Salwa. A confusão de Jake remete ao seu desconhecimento em relação ao Oriente Médio e a sua alienação frente a um discurso que projeta o outro oriental como homogêneo e atrativamente ilícito para o Ocidente. Toda a diversidade do Oriente Médio está suprimida em sua percepção de mundo.

Quando Salwa sente-se atormentada pela culpa por estar traindo seu marido, decide acabar com o relacionamento com Jake e passar algum tempo na Jordânia. Ao procurar Jake para despedir-se, dirige-se ao apartamento dele. Quando encontra-o, percebe sintomas de que está drogado. De qualquer modo, resolve informá-lo de que está partindo, o que provoca no rapaz uma sensação de masculinidade ferida, pois jamais imaginara que aquela mulher árabe supostamente passiva e encantada com o sexo que ele proporcionara poderia tomar a atitude de deixá-lo. Como resultado, ele agride-a com um quadro, ferindo-a gravemente no rosto.

Jake é um jovem americano, consumidor de drogas, incapaz de lidar com as expectativas frustradas dos seus pais. Sua autoestima já frágil é intensamente abalada quando a mulher árabe que considera dominar completamente toma a iniciativa de terminar o relacionamento. Cabe notar que nos dias logo após o Onze de setembro, narrativas envolvendo a opressão das mulheres no Afeganistão e em

das crenças de Jake que interpreta o fato imaginando que não consegue controlar nem sequer uma pobre mulher muçulmana indefesa. Tenta restituir sua posição dominante através da superioridade de sua força física. Assim, sua masculinidade é simbolicamente restaurada pela punição física em relação à Salwa que o desobedecera. Ou seja, no romance há uma inversão de estereótipos espalhados pela mídia: não é o homem árabe que agride fisicamente a esposa, mas é o Americano que não sabe lidar com a rejeição de outra forma.

Desse modo, Mortyl (2011) ao abordar a questão observa que o senso de humilhação de Jake está relacionado ao senso de humilhação instaurado na autoimagem do americano com o advento do Onze de Setembro. A queda das Torres Gêmeas é a ferida numa imagem de superioridade máscula. É uma simbólica castração. Sendo assim, com o fato traduzido para o conflito doméstico da obra, temos Salwa sendo punida por ser o “outro” que Jake, o americano, não consegue controlar e que violentamente fere seu senso de masculinidade. A cena do quadro quebrado no rosto de Salwa também pode ser interpretada como uma punição simbólica contra os muçulmanos por terem destruído as Torres Gêmeas, símbolos fálicos de poder, e, desse modo, ferido a imagem de superioridade, invulnerabilidade e controlo patriarcal americano.

O final do romance é ambíguo, não se sabe se Salwa irá sobreviver aos seus ferimentos. O final em aberto indica que o futuro dos árabe-americanos na América é incerto. Ela conclui que: “the America that pulled at her was not the America of her birth, it was the exported America of Disneyland and hamburgers, Hollywood, and the Marlboro man, and therefore impossible to find” (HALABY, 2007, p. 49).⁵ O romance denuncia a propagação de uma falsa imagem da “América para fins de exportação”.

Ambos os protagonistas sentem o desejo de encontrar seu lugar nos corpos dos americanos com quem passam a se relacionar e, logo depois, sentem a falta de suas origens. Salwa decide voltar para Jordânia. Jassim divaga e lembra do passado. Pensa nas mãos do tio Abu Jalal que o tiraram da água quando criança, evitando que morresse afogado. Jassim ouvira, a conversa de seu pai e seu tio sobre a importância da água no Oriente Médio, ouvira que o conflito entre Israel e Palestina era baseado no controle das fontes de água: “All those fools, so worked up over land and rights and they don’t see the greater picture. Water is what will decide things” (HALABY, 2007, p. 40)⁶. Essas palavras mobilizaram Jassim que inclusive passara a estudar formas de armazenamento de água da chuva com o propósito de proteger a Jordânia da seca e dependência. A palestra que proferira ao conhecer Salwa era justamente sobre a preservação de água e autossuficiência nacional. Mencionara que

5 Tradução: “A América que a atraía não era a América do seu nascimento, era a América exportada da Disneylândia e dos hambúrgueres, Hollywood e o homem de Marlboro e, desse modo, impossível de encontrar” (HALABY, 2007, p. 49).

6 Tradução: “Todos aqueles tolos que lutavam tanto em prol da terra e de seus direitos e não viam o contexto maior. A água é o que decidirá as coisas” (HALABY, 2007, p. 40).

the 1967 war started because Israel was caught trying to divert the Jordan river away from the West Bank and Jordan. The result of that war was that Israel controlled- controls still- most of the headwaters of the Jordan itself, and is in partial or total control of all the aquifers (HALABY, 2007, p. 244)⁷.

A obra denuncia nesse ponto um aspecto que dificilmente é abordado quando pensa-se nas guerras do Oriente Médio. A motivação explícita das guerras tem como bandeira a questão da luta por território, porém um dos principais aspectos em jogo é a disputa pela água, escassa na região e absolutamente necessária para a manutenção da vida.

Jassim sucumbe aos hábitos americanos, destacando o fetiche da sociedade de consumo. Tudo parece ser facilitado e pode ser solicitado de casa. Preparar as refeições em casa seria uma forma de manter as tradições árabes. No entanto, o casal rompe com esses hábitos, Salwa só tem contato com sua amiga libanesa chamada Randa e a família dela. Os protagonistas estão presos a um universo de consumo e ao desejo de enriquecimento. A crítica de Halaby está no fato de que o único enriquecimento que havia sido permitido pela sociedade americana para os árabe-americanos era o financeiro. Porém, inclusive esse aspecto fora perdido com o Onze de Setembro.

3 | O QUE É ISLAMOFOBIA E A QUESTÃO PALESTINA NA OBRA

O termo está associado à xenofobia que infelizmente tem sido um modo de lidar com o imigrante, o diferente. É a recorrente motivação de atos de vandalismo contra mosteiros, crimes de ódio contra muçulmanos. Enquanto a xenofobia remete à hostilidade em relação a qualquer estrangeiro, o termo “Islamofobia” denota a hostilidade específica em relação a muçulmanos, Islâmicos. O termo “muçulmanos” por sua vez possui muitos significados diferentes para os próprios muçulmanos. Faz parte da religião, da cultura e da organização política. No entanto, há muitas diferenças em relação à cultura e religião para diversos grupos do Oriente Médio. A hostilidade em relação a eles também tem uma variedade de motivos em diferentes contextos políticos e culturais. Inclusive o ex-presidente americano Barack Obama foi por diversas vezes chamado de muçulmano com tom de crítica. O sentimento de Islamofobia cresce em partidos de direita, principalmente nos Estados Unidos e Europa. Na França, há até uma lei que proíbe garotas muçulmanas de usarem véu nas escolas, sendo que o véu faz parte da cultura de muitos muçulmanos. Esses atos de violência física e simbólica podem ser interpretados como racistas e remetem ao conceito de comunidade imaginada e idealizada de cunho nacionalista. Sendo assim, afetam o imaginário coletivo de tal modo que a criação de estereótipos em relação ao

⁷ Tradução: “A guerra de 1967 começou porque foi descoberto que Israel estava modificando o curso do rio Jordão para fora de *West Bank* e Jordânia. O resultado dessa guerra foi que Israel passou a controlar- e ainda controla – a maior parte dos afluentes do Jordão e está parcial ou totalmente em controle de todos os aquíferos” (HALABY, 2007, p. 244).

que é ser muçulmano propaga a imagem de extremistas violentos, anti-democráticos, anti-Cristãos e anti-semitas, opressores de mulheres, retrógrados e precursores da expansão do Islamismo pelo mundo, considerando todas essas características como potencialmente negativas. Essas crenças têm como consequência imediata a suspeita e a limitação da liberdade de diversos muçulmanos que vivem em países do Ocidente, além de oferecer um bode expiatório para que a violência interna praticada pelos próprios brancos anglo-saxões contra eles não receba destaque.

Hodge e Husain em: “Depression among Muslims in the United States: Examining the Role of Discrimination and Spirituality as Risk and Protective Factors”. (2016) afirmam que a psicologia praticada no Ocidente é de caráter individualista e ahistórico e que, portanto, não há a observação do contexto que leva a atos de violência. Nesse sentido, criticam a violência explícita e a simbólica praticadas contra muçulmanos e que acaba encontrando respaldo no medo causado pela crescente propagação de um arcabouço discursivo de Islamofobia. Atualmente, é um fenômeno global associado a lutas por poder, tendo em vista que o mundo contemporâneo é dominado pelo Ocidente⁸ e muitos territórios muçulmanos são ou foram colonizados pelo Ocidente.

Segundo Amanda Lloyd, o conto chamado de “Nus Nsays” que aparece como uma interrupção na narrativa do romance é um conto tradicional palestino. O termo, de acordo com o texto, significa: “a metade da metade”. O personagem com o referido nome aparece no romance de Halaby como protagonista de um conto que a avó de Salwa contava. No conto, o pequeno Nus Nsays captura a Ghula, personagem similar a uma bruxa nos contos ocidentais. Ela oferecera-lhe ouro, prata e dinheiro. Porém, Nus Nsays não se deixa enganar. Recusa as ofertas da Ghula, alegando que prefere a paz para sua vila. Quando Salwa questiona o motivo de Nus Nsays ser tão pequeno, a avó responde que é para mostrar que com determinação e inteligência um pequeno personagem pode derrotar grandes males. E ela acrescenta que cada palestino tem um pouco de Nus Nsays (HALABY, 2007, p. 98). Salwa também pergunta o que a Ghula representa. A avó não diz diretamente. Pode-se inferir que Nus Nsays remete ao povo palestino que com o conflito de 1967 contra os israelitas perdeu metade de seu território e depois, através de um acordo que teve o apoio e a influência dos Estados Unidos perdeu a metade da metade que ainda possuía, tornando-se, assim, metonimicamente, o território, ou seja, “a metade da metade”. Nus Nsays como o povo palestino sendo destruído pelo conflito com Israel é a metade da metade que ainda resiste e não se deixa enganar pela Ghula, que representa o poder imperialista, oferecendo auxílio financeiro no Oriente Médio em troca de subordinação.

No segundo conto narrado no romance, a Ghula engana uma moça. Desse

⁸ Entende-se o Ocidente como principalmente a Europa e a América do Norte, sendo importante destacar que a América Central e do Sul também é dominada pelo discurso ocidental.

modo, entende-se que Salwa é a moça enganada pelas tentações da América, pelo sonho americano que em contexto pós Onze de Setembro não está mais disponível inclusive para a maior parte dos americanos. A paz implicitamente só é possível em contos de fada, pois a força da Ghula ainda se mostra implacável, o desejo por riqueza e privilégios ainda engana principalmente a moça que acaba sendo vítima direta da violência que é dupla. É praticada não somente pela Ghula (América), mas também por Hassan que representa a Palestina e desfere o golpe para supostamente libertá-la da Ghula. O golpe fere a Ghula e a moça. Hassan desesperado foge. Então, entra em cena o rouxinol que torna-se um homem, aparece para auxiliar a moça, é um homem-pássaro. Nesse sentido, o híbrido celebrado no romance é o que ultrapassou fronteiras, o que vive em um entre-lugar, o que é e não é, o árabe-americano. O segundo conto, não apenas remete a uma história palestina, mas convida o(a) leitor(a) a perceber claramente a correlação de personagens do conto com os do romance. A atuação da Ghula remete a estratégias utilizadas na sociedade de consumo americana para atrair adeptos. Desde seu nascimento na América, o destino de Salwa estava marcado por laços invisíveis com a Ghula:

She (the Ghula) took out her wild ghula threads and began to stitch them under the baby's (Salwa) skin [...] a thousand and one red threads hanging from her [...] when the Ghula thought the girl would be grown and ripe for eating, she began to reel in the remaining threads, pulling the girl away from her familiar words gently turning the skin a bit more each day. (HALABY, 2007, p. 331-332)⁹

A América atraía Salwa pela possibilidade de realização de seus desejos de obter status e luxo, influenciados pela propaganda. Halaby combina o folclore árabe nos contos apresentados com o conto de fadas ocidental, o que também remete ao duplo, ao híbrido, à possibilidade de uma narrativa árabe-americana.

Ao pensar sobre a questão palestina, poderia-se considerar que a narrativa indica um olhar de desconfiança em relação a qualquer proposta de auxílio e de pacificação por seu potencial de encobrir a cobrança de uma passiva subjugação do povo árabe (palestino). Ao final da obra, Salwa está ferida, por Hassan, pelo pertencimento étnico em relação à Palestina. Embora receba o auxílio de Jassim, o rouxinol, o híbrido, o árabe-americano, o futuro é incerto. Implicitamente, ele voa para longe da América, deixando para trás sua carreira e seus estudos sobre a conservação da água potável. Há a inferência de que a atitude da Ghula de controlar a moça através da exploração de sua atração pela sociedade de consumo afetará a própria sustentabilidade planetária. Além disso, a palestra proferida por Jassim sobre a importância da água faz pensar sobre seu valor e a necessidade de união planetária em prol da sobrevivência. Ao palestrar, usa a primeira pessoa para contar

9 Tradução: "Ela (a Ghula) tirou seus fios selvagens e começou a costurá-los sob a pele do bebê (Salwa) [...] mil e um fios vermelhos pendurados dela [...] quando a Ghula pensou que a moça estaria crescida e pronta para ser devorada, ela começou a enrolar os fios ainda existentes, conduzindo a garota para longe de suas palavras familiares, delicadamente torcendo a pele um pouco mais a cada dia"(HALABY, 2007, p. 331-332).

uma história e influenciar a opinião da plateia e o público leitor da obra:

Suppose you are flying in a tiny plane and it crashes in the desert. You are reduced to your most basic existence. It doesn't matter if you have a nice car or a suit or a watch. You are alone in the desert, and there is only one thing that will keep you alive. Not land. Not oil. Water. (HALABY, 2007, p. 246)¹⁰

4 | CONCLUSÕES

Na luta pela sobrevivência, a importância da preservação da água potável tem escala planetária. A seca e a pobreza também são adventos negligenciados pelo Ocidente ainda mergulhado em uma sociedade de consumo com influência global: “How ironic it is that the most advanced country in the world is sending everyone else back in time, so that they are ravaged by diseases that had been wiped out” (HALABY, 2007, p. 249). Nesse trecho, há uma referência à ajuda humanitária que países do Oriente Médio recebem dos Estados Unidos em troca de subjugação. Quando os países não concordam com a intensificação da exploração através de acordos predatórios, a ajuda é cancelada. Com isso, inclusive doenças já erradicadas pela vacinação voltam a atacar as populações, além do agravamento de problemas como a seca e a miséria.

A obra de Halaby, segundo Llyod, destaca o preconceito e o radicalismo imposto em nome da religião Cristã através da disseminação de um aparato discursivo. Salwa ouve no rádio: “Is anyone sick of nothing being done about all those Arab terrorists? In the name of Jesus Christ! They live with us. Among us! Mahzlims who are just waiting to attack us” (HALABY, 2007, p. 56)¹².

Em meio à onda de terrorismo discursivo, Salwa percebe o quanto sua vida nos EUA está comprometida com a questão dos estereótipos e do preconceito islamofóbico. A obra literária selecionada denuncia a tentativa de apagamento de uma identidade híbrida e a assimetria de poder do árabe-americano frente a uma construção ideológica de cunho nacionalista que busca inimigos e culpados na projeção de um “outro” a ser excluído da nação. A insubordinação do casal frente a um imaginário neo-orientalista de subjugação e passividade da mulher, bem como, de envolvimento com o terrorismo em relação ao homem exclui-os da configuração

10 Tradução: “Suponha que você está voando em um pequeno avião e ele cai em um deserto. Você está reduzido à sua mais básica existência. Não importa se você tem um carro legal ou um terno ou um relógio. Você está sozinho no deserto e há apenas uma coisa que manterá você vivo. Não é a terra. Não é o petróleo. É a água” (HALABY, 2007, p. 246).

11 Tradução: “Como é irônico que o país mais desenvolvido do mundo está enviando todos de volta no tempo de modo que estão sendo assolados por doenças que já haviam sido exterminadas” (HALABY, 2007, p.249).

12 Tradução: “Alguém está cansado por nada ter sido feito em relação a todos esses árabes terroristas? Em nome de Jesus Cristo! Eles vivem conosco. Entre nós! Muçulmanos que estão apenas esperando para nos atacar!” (HALABY, 2007, p. 56).

discursiva hegemônica predominante na nação americana pós Onze de Setembro.

Denunciar o aparato discursivo criado em torno do evento, expor a diferença cultural como modo de intervenção social são algumas das estratégias de Halaby. Apresenta-nos uma história ficcional de árabe-americanos protagonistas que percebem as incongruências da sociedade americana no sentido de estabelecer um sistema de suposta segurança nacional que é altamente islamofóbico. Esse sistema incentiva o povo a julgar outros grupos étnicos como culpados pelas mazelas de uma sociedade em crise com seus próprios graves problemas sociais. Além disso, a obra indica o reconhecimento da necessidade de reestruturação e superação de um modelo binário que estabelece antagonismos baseados no imaginário nacional. Outrossim, leva-nos a refletir sobre a negligência frente ao perigo da negação da necessidade de atenção planetária para a preservação da água potável em nosso planeta.

REFERÊNCIAS

FOUCAULT, Michel. Outros espaços. In: _____. **Estética: literatura e pintura, música e cinema**. Tradução de Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. (Ditos e Escritos III).

HALABY, Laila. ***Once in a Promised Land***. Boston: Beacon, 2007.

HODGE, D.; ZIDAN, T.; HUSAIN, A. Depression among Muslims in the United States: Examining the Role of Discrimination and Spirituality as Risk and Protective Factors. ***Social Work*** 61, 1, p. 45, 2016.

LLOYD, Amanda. **Reverse Orientalism: Laila Halaby's *Once in a Promised Land***. Dissertação (Mestrado). Universidade do Estado de Cleveland, Cleveland, USA, 2012.

MOTYL, Katharine. No Longer a Promised Land- The Arab and Muslim Experience in the U.S. after 9/11. ***Yearbook of Research in English and American Literature***, p. 217-235, 2011. Disponível em: <http://periodicals.narr.de/index.php/real/article/view/1713/1692.html>. Acesso em: 10 mar. 2018.

SOBRE O ORGANIZADOR

IVAN VALE DE SOUSA: Mestre em Letras pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Especialista em Gramática da Língua Portuguesa: reflexão e ensino pela Universidade Federal de Minas Gerais. Especialista em Planejamento, Implementação e Gestão da Educação a Distância pela Universidade Federal Fluminense. Especialista em Arte, Educação e Tecnologias Contemporâneas pela Universidade de Brasília. Professor de Língua Portuguesa em Parauapebas, Pará.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Abolição da Escravatura 88, 90, 91, 93, 94

Amazônia 1, 2, 3, 4, 6, 8, 9, 10, 11, 88, 89

Análise 1, 2, 13, 17, 24, 34, 48, 49, 88

Árabes 68, 69, 70, 75, 78

Autor mineiro 48, 49

C

Cinzas do Norte 1, 2, 3, 6, 10, 11

Conhecimentos 26, 51

Conservadores 64, 65, 80

Crítica 8, 15, 17, 23, 44, 46, 68, 75, 80, 81, 82, 84, 85, 86, 87

Crítica Textual 80, 81, 82, 84, 85, 86, 87

D

Direitos Humanos 60, 63, 66, 82

E

Eça de Queirós 5, 80, 82, 83, 84, 85, 86, 87

Ensino 24, 25, 27, 28, 29, 32, 95

Estados Unidos 61, 68, 69, 70, 75, 76, 78, 87

F

Fascistas 80

I

Imaginário Religioso 48

Imigração 60, 61, 62, 63, 66

L

Leitor 13, 14, 24, 29, 34, 35, 37, 44, 45, 51, 55, 58, 77, 78, 85

Literatura 10, 11, 23, 25, 26, 27, 28, 29, 32, 34, 36, 37, 39, 40, 41, 42, 43, 45, 48, 58, 59, 60, 68, 69, 71, 79, 80, 82, 85, 86, 87, 90, 94

Lucíola 12, 13, 15, 17, 22, 23

M

Machado de Assis 13, 23, 80, 82, 85, 86, 87

Milton Hatoum 1, 2, 9, 10, 11

Muçulmanos 68, 69, 70, 74, 75, 76, 78

N

Narrativa Fantástica 34, 38

Narrativas Oraís 24, 25, 26, 27, 28, 29, 31, 32

Natureza Literária 1

Negro 52, 63, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94

O

Obra Literária 37, 42, 68, 78

P

Pará 3, 24, 29, 94, 95

Parauapebas 24, 29, 31, 95

Poder do Senhorio 88, 89, 91

Processos Migratórios 1, 2

Propostas 26, 29, 32, 39

R

Reflexões 10, 24, 41, 42, 55, 56, 58

Refugiados 60, 61, 62

Representações Femininas 12

Resistência 7, 8, 9, 26, 69, 80, 81, 87, 88, 89, 91, 93

Romances 2, 10, 11, 12, 13, 22, 69

S

Sala de aula 24, 25, 28, 29, 31, 32

Senhora 6, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 22, 23, 83

T

Texto Literário 37

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-635-5



9 788572 476355